

Razão agrícola à sombra do capitalismo de subsistência: uma ontologia rural da Índia Ocidental¹



359

Appadurai, Arjun. 2024. *Agricultural reason in the shadow of subsistence capitalism: a rural ontology from Western India*. Chicago, Hau Books.

ISBN: 978-1-914363-10-8 (pdf), 149 pp., 23,00€.

DOI: https://doi.org/10.14195/2182-7982_41_20

Neste livro de Arjun Appadurai, editado pela Hau Books, encontramos a republicação de um conjunto de cinco ensaios, escritos e publicados originalmente em edições dispersas, que resultaram do seu trabalho de campo, entre 1981 e 1982, numa pequena aldeia indiana, no Oeste de Maharashtra, pertencente ao distrito de Pune, à qual deu o nome fictício de *Vadi*. Esse trabalho de campo, segundo o próprio autor, surgiu da sua consciência, enquanto jovem professor de Antropologia que ministrava cursos sobre a sociedade e a cultura indianas, que a sua experiência

e conhecimento sobre a Índia, eram maioritariamente urbanos e que a ruralidade indiana era para si desconhecida e o parco conhecimento que dela tinha era, quase exclusivamente, mediado pelos livros.

Procurando resposta para a questão do que poderia ele acrescentar à já exhaustiva literatura sobre castas, ideologias e padrões culturais no início da década de 1980, que até então dominara a atenção da Antropologia da Índia, o jovem Appadurai encontrou um caminho na etnografia da agricultura, seguindo as passadas de Clifford Geertz (1963) e o seu trabalho sobre a involução agrícola na Indonésia, bem como de André Beteille (1974) e os seus estudos de agricultura e

¹ O autor não segue a norma do novo acordo ortográfico.

estrutura social agrária na Índia. Influenciado também pelo trabalho de um grupo emergente de sociólogos indianos que estava então a “descobrir” as fundações agrárias da cultura e da história da Índia e de toda a região do Sul da Ásia, Appadurai relembra que grande parte dos estudos etnográficos de zonas rurais da Índia naquela altura estavam centrados em considerações sobre classe, terra e recursos, não demonstrando qualquer interesse pela língua, pela cultura ou pela cosmologia das sociedades rurais locais.

Refere a obra de Pierre Bourdieu, *Esboço de uma teoria prática* (1977), como uma Bíblia que alterou a sua abordagem às ligações entre cosmologia e cálculo nas sociedades tradicionais. Outro livro que também leu “quase por acidente”, foi *O espelho da produção* (1975), de Jean Bau-drillard, que se revelou determinante, pela aceitação do argumento, a partir de Marx, de que o consumo não fora merecedor de análise crítica, completa e independente, nas ciências sociais e, assim, percebeu que o consumo poderia ser a sua porta de entrada no universo agrário da Índia rural, uma vez que nestas pequenas comunidades as cosmologias, recheadas de *doxa*, ou seja, opiniões, preconceitos e crenças, assumem um carácter histórico e social e o consumo é elemento estruturador da vida em comunidade.

Na introdução desta obra, único texto original e escrito cerca de quatro décadas depois de realizado o trabalho de campo que originou estes ensaios, Appadurai reconhece que o seu interesse, ainda na dé-

cada de 1980, começou a mudar para “a vida social das coisas” e para o estudo de processos culturais transnacionais, o que o levou a trabalhar durante as décadas seguintes sobre globalização, mediação, violência e outros temas relacionados. Neste seu regresso ao universo das sociedades tradicionais e agrárias da sua Índia natal, começa por justificar o título da obra, afirmando que o “capitalismo de subsistência”, condição que aqui tanto pode significar que a maioria dos agricultores de *Vadi* apenas consegue satisfazer as suas necessidades de consumo, mas não consegue lucros ou poupanças, como também significar o contributo dos seus emigrantes nas grandes cidades, trabalhando em indústrias, comércio e serviços, para alívio das necessidades quotidianas das suas famílias. Ao mesmo tempo, seria a melhor forma de captar todas as conexões entre as pequenas propriedades, a desigualdade rural, a comercialização e a pobreza em sociedades como a Índia, no último século e meio e até ao presente.

Considera que nas comunidades agrárias, o capitalismo pode-se manifestar de várias formas: a) necessidade de dinheiro estimulando o cultivo comercial, migrações para as cidades e para trabalhos em fábricas, o pequeno comércio e o endividamento para sistemas de irrigação e para consumo das famílias; b) mercados para sementes, vegetais e outras plantas de grandes comerciantes agrários, operadores de transportes; c) economia salarial para agricultores pobres e trabalhadores rurais, com salários

baixos e vitalícios. O termo “subsistência” aparece para significar que cerca de 90% dos agricultores desta e outras aldeias, vivem no limite das suas necessidades básicas para a reprodução social, em termos de alimentação, saúde e habitação.

Por outro lado, utiliza a designação “razão agrícola” para capturar a ideia de que os agricultores indianos operam com a sua “razão”, isto é, têm ideias claras sobre os meios disponíveis, os fins a que se propõem, as causas e os efeitos, sobre certezas e probabilidades. Esta ideia leva o autor a uma reflexão sobre os usos dessa racionalidade e a pronunciar-se comprometido com aqueles que consideram que nenhuma sociedade humana ou cosmologia é irracional, primitiva ou selvagem.

Ao contextualizar a Índia rural, através de um conjunto de dados estatísticos sobre demografia, economia e território, relembra-nos que a Índia nem sempre foi uma terra de aldeias isoladas e auto-suficientes, atribuindo às muitas mudanças ideológicas e infra-estruturais, nos séculos XVIII e XIX, as razões que “empurraram” o mundo agrário para o seu estado actual de crise social, isolamento e inércia económica, pressionado por forças exógenas malignas: o Estado e o sector capitalista urbano. Aqui reside outra das justificações que o autor apresenta para a publicação destes ensaios reunidos: a percepção clara de que a actual crise fez com que as famílias destes pequenos agricultores com quem trabalhou em 1981-82, viram a sua situação deteriorar-se e é hoje pior do que era à época.

Referindo-se aos cinco ensaios sublinha a força do social, mesmo nas circunstâncias mais desfavoráveis e de desigualdade, de risco ambiental e de adversidade familiar, naquilo que é a partilha de água, a troca de animais, as transações de empréstimos, a partilha de alimentos em rituais de hospitalidade domésticas, ou nos rituais celebrativos de casamentos e festividades religiosas, onde se percebe a primazia e o valor do social nos esforços para subsistir. No caso particular de *Vadi*, para além dessa situação de subsistência da maioria das famílias, importa salientar que quase 95% das famílias pertencem à casta Maratha, o que dá à aldeia um considerável sentimento de homogeneidade social.

O capítulo 1², chamado “Andaj” (estimativa ou aproximado), é o ensaio âncora deste livro. Escrito originalmente quando o trabalho de campo ainda tinha apenas quatro meses, procura exemplificar o argumento principal que perpassa pelo conjunto de ensaios aqui reunidos, isto é, que cada dimensão do mundo social de *Vadi* incorpora formas técnicas em estilos culturais. Por exemplo, descreve com algum detalhe as maneiras pelas quais a medição em *Vadi* depende da aproximação em vez da precisão. Aqui, ser exacto é ser aproximado e esta é a característica mais óbvia, omnipresente e inevitável do discurso, ambíguo, impreciso e flexível, dos camponeses sobre os seus meios de subsistência.

² Ensaio publicado anteriormente, numa versão mais curta, em *Changing theory: from the Global South*. London, Routledge India, 2022.

A medição não é precisa nem isenta de valores, mas está repleta de sinais de variação local, simbolismos cosmológicos e da imprecisão e aproximação que caracteriza a vida quotidiana, ou seja, está inserida em contextos sociais específicos, está localizada, é idiossincrática, é historicamente conservadora e relativamente intratável para esforços externos de uniformização. A medição na Índia rural é acima de tudo uma actividade prática, orientada para resolver a miríade de problemas da vida quotidiana. Enraizada como está na actividade agrícola, é um tópico muito interessante e pouco estudado, permitindo uma percepção do *ethos*, da mentalidade e dos modos de conhecimento da população rural da Índia e, ao mesmo tempo, da ligação entre o discurso camponês e a prática agrícola.

A importância deste ensaio é tanto conceptual, na medida em que oferece uma perspectiva alternativa à noção de que a verdadeira medição é precisa, livre de contexto e universal, produto da revolução científica ocidental que se foi transformando numa visão geral do mundo; como metodológica, pois enquanto cientistas sociais, devemos ter cuidado ao tratar ideologias de medição como meta-sistemas que possam conter e/ou traduzir outras ideologias. Este cuidado deve estender-se ao ideário de desigualdade, pobreza e classe, pois estas expressões referem-se a ideologias particulares de distância, diferença e dominação.

No segundo capítulo³, o autor leva o problema da medição para o terreno metodológico, procurando ligar aquilo que denomina dimensões relacionais e distributivas da vida rural em *Vadi*, sugerindo conexões entre o detalhe da etnografia e as preocupações macro dos economistas e estatísticos. A principal distinção conceptual é entre aquilo que designa de medidas “distributivas” e “relacionais”, onde as primeiras são mais adequadas para métodos de grande escala, agregativos e de amostragem, na medida em que se tratam quantidades, activos e grupos, enquanto as segundas são mais adequadas para os métodos etnográficos, interpretativos e culturais, pois tratam de relações e significados sociais.

Numa perspectiva antropológica, propõe-se a um exercício conceptual, acerca das técnicas de pequena escala e dos objectivos de grande escala nos estudos das mudanças económicas rurais. Partindo da ideia estereotipada de que os estudos realizados a nível de aldeia, por antropólogos, tendem a ser de pequena escala, qualitativos e não-agregadores enquanto que os estudos realizados, no mesmo *locus*, por economistas e agrónomos, tendem a ser de pequena ou média escala, quantitativos e agregadores, Appadurai admite que até recentemente, o trabalho antropológico nas aldeias da Índia não se dedicava aos problemas da vida agrícola, às oportunidades económi-

³ Ensaio original publicado em *Conversations between economists and anthropologists*. New Delhi, Oxford University Press, 1989.

cas e aos padrões de vida, afirmando que a análise da economia rural, pela antropologia, não deve ser apenas olhar para as coisas certas, mas também desenvolver uma teoria apropriada da aldeia como uma economia agrária. Assim, defende uma etnografia que capte as dinâmicas entre as técnicas de pequena-escala e os objetivos económicos de larga escala.

Dedica o terceiro capítulo⁴ ao estudo dos poços de superfície em *Vadi*, enquanto tecnologia muito específica com uma capacidade, complexa e culturalmente marcada, de permitir acesso à água aos agricultores, principalmente aos mais pobres que, obrigatoriamente, têm de partilhar esse acesso, de forma a não perderem a já reduzida capacidade de subsistir numa área agrícola seca. Através de um sistema complexo e fragmentado de partilhas da água dos poços, torna a cooperação entre aldeãos viável, em particular entre os pobres, embora admita que essa cooperação não é necessariamente desejável, pois a maioria dos agricultores o que ambiciona é a sua autonomia, através do acesso à água em exclusividade, ou seja, a propriedade de um poço.

Os poços em *Vadi* são, assim, uma lente para as ambivalências que caracterizam a cooperação num contexto de capitalismo de subsistência. O estudo atento e pormenorizado destes poços em regiões como Maharashtra é muito relevante, porque não só manifesta as

forças opostas da competição e da cooperação nesse contexto de capitalismo de subsistência, como permite conhecer as dinâmicas de controlo sobre os meios de produção – terra, trabalho, ferramentas, animais, água e dinheiro – através da estratificação, uma vez que alguns agregados familiares controlam mais recursos do que outros. Tal como o autor refere, se um pequeno agricultor não quiser as complexidades da partilha por uma pequena parte da água de um poço partilhado, a sua única alternativa será ficar fora do circuito comercial e sobreviver apenas com produção para consumo familiar, empurrando assim a família para uma situação mais limiar e de endividamento. A tecnologia de irrigação de poços desempenha um papel extraordinariamente importante no desenvolvimento da região e, em *Vadi*, as parcelas irrigadas fazem parte de uma permanente luta pela sobrevivência e reprodução de um grande número de pequenas famílias agrícolas.

O quarto capítulo⁵, que tem como título “improvisação dietética”, analisa a cooperação e a partilha no contexto da alimentação e da sociabilidade doméstica para mostrar como a improvisação do tipo mais criativo, especialmente por parte das mulheres, é uma condição crítica e um facilitador da sociabilidade quotidiana em *Vadi*. Aqui são analisados os múltiplos papéis das mulheres nas fa-

⁴ Texto publicado pela primeira vez em *Expedition* 26(3), 1984.

⁵ Ensaio originalmente publicado em *Diet and domestic life in society*. Philadelphia, Temple University Press, 1991.

mílias dos pequenos agricultores, com especial atenção para as relações entre género, consumo e produção.

A alimentação é um ponto de encontro de improvisações na reprodução do quotidiano em que as mulheres têm uma participação desproporcionada e difícil. Excepto o trabalho pesado de lavar, não há quase nada que as mulheres de *Vadi* não façam, sendo que grande parte das suas tarefas seja a prestar apoio aos membros masculinos da família em todos os aspectos da vida agrária. Na verdade, elas são especialistas na improvisação, à medida que lidam com maridos difíceis, volatilidades sazonais nos campos e no mercado, altos e baixos na procura do seu próprio trabalho, o fardo do cuidado dos idosos, das crianças e dos animais domésticos. Tudo isto é feito no contexto do papel especial da mulher em todos os rituais do calendário religioso agrário, que está intimamente calibrado com o calendário ecológico.

O quinto e último capítulo⁶ apresenta uma reflexão sobre tecnologia e reprodução de valores na Índia rural, aprofundando a análise da relação entre a mudança tecnológica e o domínio dos valores, regressando aos poços, à cooperação, à comercialização e à sociabilidade de subsistência em *Vadi*. Appadurai procura uma terceira via intermédia que possa evitar o tentador proteccionismo cultural radical deste tipo de comunida-

des e, ao mesmo tempo, evite as avaliações economicistas de desafios provenientes do exterior, que dão primazia a manifestações recentes de individualismo, maximização e mercantilização.

Essa terceira via seria o valor primordial da socialização, que é vista pelo autor como uma forma particular de avaliação aristotélica ou durkheimiana do social. O principal ou essencial valor da socialização é suficientemente central para a compreensão das dinâmicas e lógicas da vida em *Vadi*. Serviria igualmente de fiel da balança para dirimir possíveis atritos ou conflitos entre os diferentes agentes locais e os diferentes interesses. O objectivo do autor com esta proposta será, combinando a sua perspectiva com os contributos locais, perceber quais são os valores fundamentais que precisam ser reproduzidos para que a própria comunidade se preserve e sobreviva a qualquer mudança tecnológica. Daqui decorre, talvez, a principal teoria de Arjun Appadurai sobre as comunidades rurais na Índia: o valor preponderante é a própria socialização.

A publicação desta colecção de ensaios procura demonstrar como a sociabilidade é um valor central na vida destas comunidades. Face às depredações do capitalismo de subsistência, essa sociabilidade, que aqui é entendida mais como relacionalidade, sem implicações necessárias para a igualdade ou mutualidade, permite manter grupos diferentes unidos e perceber como um mundo agrário, pobre, desigual e periférico, ainda assim, pode ser uma expressão plenamente

⁶ Ensaio publicado anteriormente em *Dominating knowledge: development, culture and resistance*. Oxford, Clarendon Press, 1990.

cultural. Por outro lado, Appadurai critica estudos em grande escala que ignoram as complexidades da vida nas pequenas comunidades, propondo uma abordagem mais localizada e relacional. Defende uma etnografia que consiga captar a interação dinâmica entre técnicas de pequena escala e objectivos económicos de grande escala, preenchendo assim a lacuna existente entre os estudos antropológicos tradicionais das sociedades agrárias e os debates contemporâneos sobre globalização e o capitalismo. Esta é uma obra importante para quem se dedica aos estudos agrários e rurais, à antropologia económica e ao impacto do capitalismo nas comunidades rurais.

Referências bibliográficas

- Appadurai, A. 2022. Andāj. In: Menon, D. M. (ed.). *Changing theory: concepts from the Global South*. London, Routledge India.
- Appadurai, A. 1991. Dietary improvisation in an agricultural economy. In: Sharman, A.; Theophano, J.; Curtis, K.; Messer, E. (eds.). *Diet and domestic life in society*. Philadelphia, Temple University Press: 207–232.
- Appadurai, A. 1990. Technology and the reproduction of values in rural Western India. In: Marglin, F. A.; Marglin, S. A. (eds.). *Dominating knowledge: development, culture and resistance*. Oxford, Clarendon Press: 185–216.
- Appadurai, A. 1989. Small-scale techniques and large-scale objectives. In: Bardhan, P. (ed.). *Conversations between economists and anthropologists*. New Delhi, Oxford University Press: 250–282.
- Appadurai, A. 1984. Wells in Western India: irrigation and cooperation in an agricultural society. *Expedition*, 26(3): 3–14.
- Baudrillard, J. 1975. *The mirror of production*. Candor, Telos Press.
- Beteille, A. 1974. *Studies in agrarian social structure*. Oxford, Oxford University Press.
- Bourdieu, P. 1977. *Outline of a theory of practice*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Geertz, C. 1963. *Agricultural involution: the process of agricultural change in Indonesia*. Berkeley, University of California Press.

Luís Vale

CIAS – Centro de Investigação em Antropologia e Saúde

Departamento de Ciências da Vida

Universidade de Coimbra

valedovale@gmail.com

Orcid: 0000-0002-6585-4563